

Corpos [re]produtivos - entre a disciplina e a dissidência

*(Re)productive bodies - between
discipline and dissent*

**Manuela de Souza de
Almeida Leite**

Doutoranda em Artes Visuais pela
Universidade de São Paulo, Brasil
manusaleite@usp.br
<https://orcid.org/0000-0003-0657-7049>
<https://lattes.cnpq.br/1725828551319070>

Resumo: Diante da crise do cuidado (FRASER), um dos grandes desafios da contemporaneidade, este trabalho poético-teórico propõe uma articulação entre os conceitos de contrassexualidade (PRECIADO), corpos ciborgues (HARAWAY) e farmacopornografia (PRECIADO) para imaginar um futuro alternativo ao cansaço e à exaustão. A ideia central é que a cooperação entre os sexos e a redefinição do cuidado como um bem comum possam se tornar pilares fundamentais para a produção, reprodução e existência da espécie humana. Ao repensar o cuidado como prática coletiva e essencial, busca-se superar a crise atual, promovendo uma visão mais colaborativa e sustentável da vida em sociedade.

Palavras-chave: Cuidado; Reprodução; Ciborgue; Farmacopornografia; Contrassexualidade

Abstract: Faced with the crisis of care (FRASER), one of the great challenges of contemporary times, this poetic-theoretical work proposes an articulation between the concepts of contrasexuality (PRECIADO), cyborg bodies (HARAWAY), and pharmacopornography (PRECIADO) to imagine a future alternative to exhaustion and fatigue. The central idea is that cooperation between the sexes and the redefinition of care as a common good can become fundamental pillars for the production, reproduction, and existence of the human species. By rethinking care as a collective and essential practice, the aim is to overcome the current crisis, promoting a more collaborative and sustainable vision of life in society.

Keywords: Care; Reproduction; Cyborg; Pharmacopornography; Contrasexuality

Corpos (re)produtivos

Imagem 1: Corpos (re)produtivos. Instalação. 300x200cm. 2022



Fonte: Manuela Leite/a autora

A obra poética *Corpos (re)produtivos* (imagem 1) nasceu como ficção científica. Imaginar futuros possíveis era o exercício proposto para construir novos seres sensíveis. A questão da sobrecarga gerada pelo trabalho de cuidado, realizado majoritariamente por mulheres, e dos limites e potências de um corpo permeavam a criação, quando surgiu o insight: e se a divisão sexual do trabalho de cuidado ultrapassasse os limites dos corpos biológicos, e criasse novos pontos de vista e de vida? A partir dessa pergunta, inicia-se a construção de toda a fabulação.

A pergunta trouxe imediatamente uma imagem à mente, *La mujer barbuda* (Magdalena Ventura com seu marido), pintada em 1631 por José de Ribera, vista há poucos meses no Museu do Prado. Apesar do nome da obra remeter à uma figura feminina, ao se deparar com a imagem pensa-se imediatamente em alguém de sexo biologicamente masculino tamanho volume e espessura de sua barba. A inflexão contida na pintura, e provavelmente aquilo que a fez

permanecer na memória, é um seio volumoso que amamenta um bebê. Para composição em *Corpos (re)reprodutivos*, a figura de Madalena Ventura é retirada de contexto, recortada, colocada num oratório e transformada em santa. Nossa Senhora da Amamentação.

Imagem 2: *Corpos (re)reprodutivos*. Fragmentos da ativação da obra. 2022



Fonte: Manuela Leite/a autora

Em seguida, foram pensados em signos que remeteriam à religiosidade e à esperança de capacitar corpos (biologicamente) masculinos para o cuidado primeiro com a vida humana, a amamentação. Assim, além do altar com a imagem da “santa”, foram distribuídas na parede a seu redor, dezenas de velas em formato de seio, confeccionadas com essência de leite, que durante a ativação da obra (imagem 2), espalharam pelo ambiente um aroma doce e delicado misturado ao odor de parafina queimada. Ao lado do oratório, um impresso, como são conhecidos os “santinhos” da igreja católica, contendo de um lado a imagem da “santa” e do outro uma paródia da oração à Nossa Senhora do Leite que, nessa versão, apresenta a súplica de um homem pela dádiva de amamentar seus filhos.

Como já citado, a ideia nasceu a partir de uma ficção, porém tal foi a surpresa quando, ao longo da pesquisa, foram encontrados dados científicos, teóricos e práticos de que o que se pensou como simulação já era realidade. Nesse contexto, incluiu-se, ao lado da instalação religiosa, uma imagem seguindo os códigos visuais de um poster científico (imagem 3), contendo informações verdadeiras sobre o processo hormonal capaz de fazer um corpo

biológico masculino amamentar. O propósito de expor, como trabalho artístico, símbolos religiosos e científicos lado a lado, vem de uma crítica a dois sistemas de poder vigentes, utilizados como ferramentas de controle e subjugação de corpos desde que nos entendemos enquanto seres culturais. Em contraposição a eles, utilizamos o poder das imagens poéticas - arte - trabalhando na fabulação de novas formas de vida.

Imagem 3: Corpos (re)produtivos. Instalação. 120x80cm. 2022

Realização

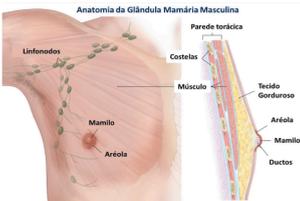


Apoio



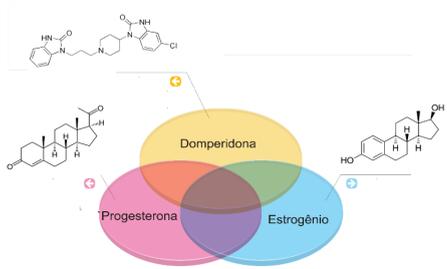
Seminário e Exposição
Corpo: Fantasmagoria de nós

AMAMENTAÇÃO MASCULINA



Anatomia da Glândula Mamária Masculina

Corpos de ambos os sexos nascem dotados de glândulas e sistema mamário completo contendo aréola, mamilos e dutos. Desde 2018, mulheres transgênero têm amamentando bebês graças ao uso combinado de estrogênio, progesterona e domperidona - utilizados também por mulheres cisgênero que não produzem leite materno e por mães adotivas. A combinação dos fármacos com a estimulação recorrente dos mamilos - por meio de bombas de amamentação - faz com que esses corpos sejam capazes de realizar o aleitamento infantil. O fato dessa suplementação produzir leite em mulheres trans, comprova que um corpo biologicamente masculino já é capaz de amamentar graças ao desenvolvimento científico da era farmacopornográfica.



Domperidona
Progesterona
Estrogênio



A amamentação masculina já é um dado científico, conseqüentemente absorvível pelos corpos biológicos. Falta apenas uma mudança na cultura para tornar essa realidade possível. Dentro da codificação dos corpos controláveis (femininos) e dos corpos ejaculatórios (masculino) talvez as estruturas de biopoder resistam à possibilidade de unir farmácia e propaganda ideológica na expansão de ideias anti sexistas e na extinção da dominação masculina. A farmácia já criou a possibilidade da amamentação masculina, falta apenas o cinema (pilar do biocapitalismo na construção das ideologias) aderir para produzir o desejo e transformar ficção em realidade. Vamos pensar em “Corpos (re)produtivos” como um primeiro frame para a criação dessas novas subjetividades.



Fonte: Manuela Leite/a autora

A crise do cuidado

A preocupação das ciências sociais com as relações de sexo e cuidado vem de longa data e estão em debate desde os anos 1960. No entanto, sua emergência parece estar acontecendo desde a virada do milênio, graças a fortes avanços na pesquisa científica, que têm como efeitos colaterais o crescimento (redução das taxas de mortalidade infantil) e o envelhecimento da população mundial e, com isso, uma maior demanda por cuidados.

Na modernidade, o trabalho de cuidado está atrelado ao trabalho feminino, realizado no seio das famílias, sem remuneração e vinculado a noções de amor e afeto. “A diferença em relação ao trabalho doméstico reside no fato de que ele não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado num atributo natural da psique e da personalidade femininas.” (FEDERICI, 2019). Entretanto, desde a revolução sexual (anos 1960), que levou as mulheres brancas de classe média para o mercado de trabalho, tem crescido a demanda pela terceirização do trabalho de cuidado tanto de crianças quanto de idosos. O que nos leva a uma outra questão, que é a exploração de uma mão de obra racializada, feminina e pobre. Num primeiro momento, o feminismo branco encontrou solução para as disputas entre gênero, na terceirização desse trabalho de “amor”. Isso porque, ao repassar o cuidado com a casa e com as crianças para uma trabalhadora mal-remunerada, as tensões entre o casal eram subtraídas e não era necessário o debate sobre uma divisão desse trabalho.

Não por coincidência, na sequência da ascensão dos movimentos sociais iniciados nos anos 1960 (feminismo, antirracismo, movimento gay), que reivindicavam mudanças na estrutura social e nas relações de trabalho, como a extensão dos direitos trabalhistas a todos os grupos e a equidade salarial, o capital não se constrangeu ao frear tais movimentos, gerando a chamada “crise de investimentos”, que abraça o mundo, desde meados dos anos 1970, sob o nome de neoliberalismo. Dessa maneira, finda o chamado “capitalismo democrático” - também chamado de “bem-estar social” - e o mundo entra num processo de precarização que ainda não conhece suas fronteiras. A articulação entre a política neoliberal e o desenvolvimento da indústria farmacêutica são os responsáveis pelo que se entende por crise do cuidado da atualidade. Não se sabe se o trabalho de cuidado é mal remunerado porque está vinculado ao trabalho feminino ou se o trabalho feminino é mal remunerado por estar vinculado ao trabalho de cuidado; o que as pesquisas deixam claro é que o trabalho de cuidado é desvalorizado e

indesejado, ficando, mais uma vez, relegado às parcelas mais vulneráveis da população. Segundo Nancy Fraser, a crise do cuidado está ligada à crise da reprodução, dada a aplicação de políticas neoliberais.

Nenhuma sociedade que mine a reprodução social de modo sistemático pode durar por muito tempo. Hoje, porém, uma nova forma de sociedade capitalista está fazendo exatamente isso. O resultado é uma crise enorme, não só do cuidado, mas da reprodução social nesse sentido mais amplo. (FRASER, 2020: 262).

Contudo, o problema do cuidado claramente é um problema social de matriz interseccional:

(...) essa “crise do cuidado” se tornou um problema apenas a partir do momento em que começou a afetar famílias de classe média e alta, obscurecendo assim seus efeitos de longa data sobre as mulheres negras da classe trabalhadora, para as quais essa ‘crise de cuidado’ não tem nada de novo. A ideia de “crise” esconde o fato de que as categorias sociais dominadas continuam sendo responsáveis pelo cuidado (HIRATA, 2021: 9).

O fato é que o desenvolvimento científico tem tornado o ser humano mais longo e a precarização da vida tem impedido as pessoas tanto de se aposentarem quanto de terem tempo para o trabalho de cuidado não remunerado (há pouco tempo, o trabalho de cuidado de crianças era realizado pelas avós donas de casa ou aposentadas - hoje essas avós também estão no mercado de trabalho). Isso estabelece a chamada crise de cuidado, com a qual a sociedade tem lidado, gerando cada vez mais camadas de exploração, subemprego e precarização da vida, principalmente de mulheres pobres imigrantes e racializadas.

A crise do cuidado não é um acidente do neoliberalismo — é seu alicerce. Como bem aponta Silvia Federici (2019), o capitalismo nasceu da expropriação do trabalho reprodutivo feminino, transformando “amor” em moeda invisível. No Brasil, essa herança colonial se materializa na racialização do cuidado: corpos negros, femininos e pobres sustentam há séculos a ficção da harmonia doméstica. Das amas de leite escravizadas às diaristas contemporâneas, a naturalização do cuidado como destino biológico mascara uma geopolítica do cansaço.

Mas esta não é uma realidade apenas brasileira. No Norte Global, a crise se disfarça de "solução": mulheres imigrantes — Filipinas no Canadá, Peruanas na Espanha — tornam-se a engrenagem móvel do welfare state privatizado (GLENN, 2010). Haraway (1985: 75) nos alerta: estamos todas plugadas num sistema ciborgue perverso, onde a tecnologia não liberta, mas desloca hierarquias. A pergunta que fica: de que "corpo" falamos quando criticamos a divisão sexual do trabalho? O da empregada doméstica de São Paulo? O da cuidadora venezuelana em Madri? A condição de exploração de mulheres se repete no nível micro e no macro, portanto sendo a crise global, conseqüentemente, ela também é local.

E se fôssemos ciborgues contrassexuais?

Sabe-se que a dominação das mulheres, o controle da sexualidade e da reprodução são mecanismos que estruturam o capitalismo. Não é mais possível ver as relações sociais de sexo com a ingenuidade de fenômeno natural. No Macarthismo (anos 1950), a perseguição da homossexualidade aparece vinculada como luta contra o comunismo, “[...] ao mesmo tempo que exalta os valores familiares do trabalho masculino e da maternidade doméstica.” (PRECIADO, 2018: 28). Gramsci apontou nos idos dos anos 1930 que o método de trabalho fordista constituiria “um novo tipo humano”, e de fato o pensador italiano estava certo. O fordismo criou o homem-coisa, uma espécie que está disposta a vender o espírito humano em troca de consumo. O trabalhador da indústria de Henri Ford aceitava se submeter a uma série de controles da própria vida (sexualidade, casamento, religiosidade) em troca da “liberdade” gerada pelo poder de compra.

O fordismo e o americanismo requerem, para seu desenvolvimento, não apenas uma transformação da estrutura econômica e das formas de produção, mas também uma transformação do homem e de sua psicologia, de seus costumes e de suas necessidades. Trata-se de criar um novo tipo humano conforme as necessidades da produção racionalizada (GRAMSCI, 2001, v.4, : 224).

É nesse cenário que o feminismo-ciborgue e a contrassexualidade surgem como forças emergentes de reativação da vida. Numa sociedade inundada de sensologias (PERNIOLA, 1993)

e falsos desejos, propor novos sentidos é o que pode haver de mais revolucionário, mesmo que isso perturbe, assuste ou machuque. Afastar-se do determinismo biológico que produz dominadores e dominados é força contrassexual, munição para libertar-se da anestesia consumista e ultrapassar binarismos aprisionantes a fim de pulsar a vida nos corpos potentes. Vida é potência de transmutar-se a partir do fluxo gerado pelo encontro com a diferença. A energia ciborgue é intensidade de corpos em eterno devir (DELEUZE, 1995).

As feministas-ciborgue têm que argumentar que “nós” não queremos mais nenhuma matriz identitária natural e que nenhuma construção é uma totalidade. A inocência, bem como a consequente insistência na condição de vítima como a única base para a compreensão e a análise, já causou suficientes estragos (HARAWAY, 1985: 52).

Grada Kilomba, pensadora portuguesa, aponta em seu livro "Memórias da Plantação" (2019) que a constante identificação do oprimido com o papel de vítima cria uma cena de repetição de trauma que torna impossível a existência desse ser como indivíduo, uma vez que ele vive um eterno papel de autodefesa, sempre na relação com seu opressor. Nesse sentido, se formos corpos apenas reativos, tornamo-nos incapazes de constituir autonomia e liberdade diante das estruturas de dominação tanto econômicas quanto sociais. O Homo sapiens é naturalmente um híbrido entre natureza e tecnologia. Apesar de tratado como repulsivo pela maioria das pessoas, a construção de instrumentos que trabalham em conjunto com a nossa espécie, facilitando nosso trabalho, vem das primeiras horas de existência da humanidade. Somos dotados de um desejo pulsante de interferir na constituição dos corpos, seja colocando uma flor para enfeitar o cabelo, seja modificando genomas.

O ciborgue é um desejo humano e “uma questão de sobrevivência” (1985:43), diz Haraway. Kilomba (2019) ecoa: vítimas eternas não criam futuros. Aqui, a conexão entre as duas pensadoras se revela: se o opressor define o que é “natureza” (corpos femininos como máquinas de cuidar), a contrassexualidade propõe uma sabotagem tecnológica. O ciborgue não é apenas pós-humano — é o corpo colonizado que se recusa a repetir seu trauma. Quando um homem cis amamenta (via hormônios ou bombas de sucção), ele não apenas quebra o binarismo, mas expõe uma das mentiras fundadoras do capitalismo: que cuidados são “dons”, não trabalho. A

dominação, como Gramsci (2001) previra, sempre requereu corpos dóceis. A dissidência responde com corpos indóceis: mamilos que lactam sem pedir licença à heteronorma.

O conceito de pureza humana está vinculado à necropolítica (MBEMBE, 2018). Resistir a ela tem como função trabalhar pela contaminação dos corpos, modificando forças dentro da constituição biológica, expandindo capacidades e otimizando habilidades. Se forças de destruição propõem radicalmente a ideia de pureza e da necessidade da morte dos corpos degenerados, precisamos radicalizar na outra ponta produzindo cada vez mais corpos impuros, híbridos, ciborgues. Dessa maneira, a contrassexualidade proposta por Preciado se mostra alternativa possível na direção da criação de corpos revolucionários, dada a sua radicalidade. O manifesto propõe uma contraproduktividade com formas de prazer e saber alternativas à sociedade moderna que categoriza, limita e engessa funções reprodutivas e sexuais. A contrassexualidade é a expansão máxima da potência do corpo, extinguindo seus limites físicos e biológicos. Não há distinção entre corpo, máquina, prótese, ciência, natureza ou cultura. Na contrassexualidade, o corpo é livre para expandir funções e sentidos infinitamente.

A emergência dessa radicalidade é visível cada vez que uma tentativa de questionamento da estrutura capitalista/sexista/racista, baseada na natureza, é vista como uma anunciação apocalíptica. Essa miopia social relacionada às opressões e amarras baseadas no sexo são tão atordoantes que parece que vivemos há séculos em estado de histeria coletiva. Se a família tradicional nuclear funcionasse, não seria necessário tanto trabalho ideológico para doutrinar, desde o nascimento, zumbis binários que caminham em direção à destruição de suas próprias existências. Se a heteronormatividade e os papéis de gênero fossem verdadeiramente naturais, provavelmente tanto a epidemia do feminicídio quanto sua ocultação pelo poder hegemônico não existiriam.

A contrassexualidade associada à tecnologia ciborgue tem como missão reforçar os desvios do sistema heterocentrado e destruir os papéis de gênero. A ciência que trabalha pela reprodução infinita da opressão heteronormativa também está na mira da crítica. Por exemplo, a quem serve o uso da pílula anticoncepcional? Pelo prazer de quem ficamos tão estimuladas e estimulados com a possibilidade de fazer sexo apenas por prazer, sem a função de procriar? Segundo o Departamento de Transtornos Sexuais Dolorosos Femininos da USP, 55% das mulheres brasileiras não tem orgasmos durante o sexo. Pesquisa do Instituto Prazerela, de 2018, apontou números ainda mais graves: 74% das mulheres gozam com a masturbação, mas apenas

36% atingem o ápice do prazer sexual com os parceiros (ABDO; FLEURY, 2006 :165). Ainda na linha científica de valorização do falo, existe o mito do ponto G, criado pelo médico Ernst Grafenberg, que apontou a possível existência de um ponto dentro da vagina que, estimulado, poderia causar grande excitação sexual. O que o grande ginecologista alemão não levou em conta em sua “revolucionária” teoria é que existe uma parte da vulva chamada clitóris que possui como única, exclusiva e extraordinária função proporcionar prazer, mas o pesquisador ignorou a existência de um órgão visível e foi cavar dentro do canal vaginal a ligação entre o pênis e o prazer feminino.

Na contramão dos absurdos científicos a serviço da heteronormatividade, a contrassexualidade vem “[...] difundir, distribuir e colocar em circulação práticas subversivas de recitação dos códigos e das categorias de masculinidade e de feminilidade naturalizadas no âmbito do sistema heteronormativo [...]” (PRECIADO, 2018: 36). Dessa maneira, o experimento poético “Corpos (re)produtivos”, de minha autoria, não é exatamente uma proposição de uma nova sociedade. “Corpos (re)produtivos” nasceu como ficção com intenção de apontar problemas sobre o cuidado. Até que ponto estamos dispostos a dialogar na direção de mudanças realmente significativas? Até que ponto a ciência e a academia trabalham por uma real mudança social e não apenas para a manutenção do sistema já posto? Não adianta ser um rico de esquerda que não respeita as classes subalternizadas nem seus direitos trabalhistas, duramente conquistados. Não adianta ser um branco que se declara como não racista e usufrui cinicamente cada gota de privilégio que ainda ecoa do imenso mar colonialista. Assim como de nada vale ser um belo exemplar masculino com discursos identitários afiados sobre paternidade e responsabilidade, e aceitar silenciosamente que todo trabalho de cuidado de um bebê recaia unicamente sobre os corpos femininos por razões simplesmente “biológicas”. Trabalhar para a construção de uma sociedade verdadeiramente justa requer corpos comprometidos em abrir mão de privilégios e engajados em reais transformações.

Embora a contrassexualidade (PRECIADO, 2018) e a perspectiva ciborgue (HARAWAYH, 1985) ofereçam ferramentas conceituais potentes para desnaturalizar o gênero, é crucial problematizar como essas tecnologias são apropriadas pelo capitalismo biotecnológico. A amamentação masculina, por exemplo, pode ser vista como gesto revolucionário ao desafiar a divisão sexual do trabalho, mas também revela um paradoxo: a mesma indústria farmacêutica que desenvolve hormônios para corpos trans é controlada por conglomerados que lucram com a

medicalização da vida). A verdadeira dissidência, portanto, não está no uso isolado de tecnologias, mas em subvertê-las para fins anticapitalistas - como fazem ativistas que criam redes de harmonização autônoma ou coletivos que reivindicam o cuidado como bem comum, não como mercadoria. A interseccionalidade é chave aqui: enquanto mulheres brancas de classe média podem acessar tecnologias reprodutivas, trabalhadoras negras e periféricas (das cidades e do capital) seguem responsabilizadas pelo cuidado precarizado. A ciborguização só será revolucionária se confrontar essas assimetrias sistêmicas.

Viva a era farmacopornográfica!

O principal recurso do capitalismo pós-fordista é o corpo submetido aos fármacos. Silvia Federici, em sua brilhante publicação “O calibã e a bruxa” (BOITEMPO, 2019), comprovou que a caça às bruxas foi uma ferramenta de controle institucional de corpos e saberes. Desde então, as estruturas de conhecimento autorizado (científico) trabalham pelo controle de certos corpos (femininos, negros, indígenas, homossexuais) em prol da hegemonia de outros (masculino, branco, heterossexual). Toda essa energia aplicada na dominação tem como único interesse a acumulação de capital.

Ao contrário do que se acredita, as mulheres não esperaram até o século XX para entrar no mercado de trabalho. Suas práticas de saber e produção de riqueza foram cuidadosamente expropriadas dos circuitos da economia medieval, e sobre essa exclusão pôde consolidar-se o capitalismo nascente (PRECIADO, 2018: 163).

Diante das exclusões generificadas típicas do capitalismo, podemos pensar na recente valorização de uma amamentação mais longa, realizada pelas próprias mulheres brancas e de classe média, como estratégia para manter corpos femininos desvalorizados e afastados do mercado de trabalho na segunda metade do século XX. Décadas antes da ciência se ocupar em comprovar os benefícios indispensáveis do leite materno aos filhos da burguesia, essa tarefa era delegada às mulheres negras (pobres ou até escravizadas), que deixavam de amamentar seus filhos para fornecer leite para bebês brancos (imagem 4).

Imagem 4: Ambrosina. Dalton Paula. 2020



Fonte: Retratos Brasileiros. MASP: São Paulo, 2022

Encontramos Ambrosina em seus últimos anos de cativeiro (1886-1887). Solteira, mucama e iletrada, nascera no Brasil e em 1886, fora alugada em Taubaté como ama de leite do filho de um juiz instalado na cidade. Tinha consigo o próprio filho, também pequeno. Os dois chamavam-se Benedito - um branco, outro negro. Ambrosina foi acusada da morte do bebê branco, sufocado com uma fralda colocada em sua boca. Dizia-se que tinha “maus modos” e “má vontade sobre o menino, mostrando-se sempre contrariada” e que não o amamentava suficientemente, reservando leite para alimentar o próprio rebento. Em resposta, Ambrosina afirmou que tanto “estimava o menino” que o “seu próprio filho só mamava nela” durante a noite e “durante o dia em mamadeira”. Acabou condenada. Sua história revela muito das perversões da escravidão doméstica e das agruras e contradições da maternidade escravizada (DALTON, 2022).

Porém, desde a metade do século XIX, uma enorme quantidade de pesquisas foi financiada pela indústria de alimentos com interesse de encontrar uma fórmula que substituísse o leite materno. A indústria investiu pesado na propaganda voltada à classe médica e esta, por sua vez, passa a prescrever o alimento artificial para as mães darem a seus filhos. A partir daí, acontece uma redução no aleitamento materno. Tais pesquisas, apesar de não comprovadas cientificamente, indicavam que o pseudoleite era substituto perfeito do produto e garantiriam a correta nutrição dos bebês, passando a ser visto como mais confiável que o leite humano natural.

Os médicos passam a aderir às novas alternativas, prescrevendo-as como benéficas para a alimentação infantil. Essas práticas associam-se a um forte marketing focalizado nos pediatras que passariam a desempenhar um papel decisivo como influenciadores de um novo movimento na sociedade: a “cultura da mamadeira” (BOSI; MACHADO, 2005: 6).

A amamentação artificial é incentivada ao longo de todo o século XX. A partir de 1922, existe um crescimento considerável de propagandas de leite em pó. O lobby dessa indústria é tão forte que há indícios de que seus anúncios sustentavam economicamente as revistas especializadas na área pediátrica. Até os anos 1950, o uso de leite em pó era visto como forma mais prática e segura para a nutrição infantil. No período seguinte, a utilização de leite em pó é recomendada inclusive a recém-nascidos. Todos sabemos que a partir de 1960 ocorre uma entrada sistemática das mulheres brancas de classe média no mercado de trabalho remunerado e, certamente, não por coincidência, iniciam-se também as pesquisas sobre a necessidade da amamentação e uso exclusivo do leite materno até, pelo menos, os primeiros seis meses de vida, sendo recomendado o aleitamento materno até os dois anos de idade. Tais pesquisas encontraram sua implementação como política pública a partir de 1981 após a Assembleia Mundial de Saúde. No Brasil, no mesmo ano, é instituído o Programa Nacional de Aleitamento Materno.

A amamentação, que desde o século XIX foi substituída por fórmulas nutricionais para recém-nascidos, passou a ser revalorizada e até supervalorizada pela ciência justamente no mesmo período em que mulheres estavam ocupando o “lugar dos homens” no mercado de trabalho. Não é possível não encarar tais dados científicos como política de controle dos corpos femininos, embutindo ideologicamente a necessidade do aleitamento materno como decisório para a vida e saúde do bebê, trancafiando novamente as mulheres no espaço doméstico e dando munção para o mercado justificar a diferença salarial entre homens e mulheres pelos prejuízos financeiros causados pela licença-maternidade e pela amamentação.

A questão do cuidado, sua valorização e terceirização apresenta-se como um enorme paradoxo da reprodução. À medida em que se desenvolve os mais diversos ciborgues para assistir e capitalizar os trabalhos de reprodução da espécie, há concomitantemente uma superideologização de que essas atividades sejam realizadas por corpos femininos, associados

ao afeto e sem remuneração. Entretanto, sabemos que “trabalhos femininos”, quando capitalizados, geram grande interesse em pessoas do sexo masculino.

Se a amamentação se tornasse trabalho (bem) remunerado, provavelmente haveria um grande número de homens cis dispostos a metamorfosear seus corpos a fim de servir ao capital. Vivendo essa “crise do cuidado” que aponta para uma terceirização e, conseqüentemente, remuneração do trabalho de cuidado, a ideia de contratação remunerada de todas as esferas do cuidado não soam tão absurdas. A terceirização remunerada do corpo reprodutivo (barrigas de aluguel) já é prática comum entre casais homo e heterossexuais. Atualmente, casais heterossexuais, reprodutivamente saudáveis, têm optado pela contratação de corpos de terceiras para receber seus embriões fecundados in vitro.

Para citar um exemplo do interesse masculino em “trabalhos femininos”, podemos falar de como o trabalho de cuidado remunerado conquistou grande parcela de trabalhadores homens no Japão. Como esse país não aceita imigrantes com baixa qualificação, o trabalho de cuidado não pôde ser transferido para essas trabalhadoras precarizadas, como acontece na França. Assim, 40% dos trabalhadores de cuidado no Japão são homens, contra 10% na França e 5% no Brasil - onde esse trabalho ainda é exercido por mulheres imigrantes, racializadas e com baixíssima remuneração (HIRATA, 2021).

A divisão sexual do trabalho foi o problema que motivou a concepção de “Corpos (re)produtivos”. A heterossexualidade compulsória e seus sistemas de manutenção de poder, por meio do sexismo, foram os objetos da crítica que deu origem ao trabalho. Porém, o que sugere a distopia presente no trabalho pode apontar para futuros interessantes também entre homossexuais do sexo masculino, gerando a possibilidade de amamentação tanto por pais adotivos quanto biológicos beneficiários da “cessão temporária de útero” (barriga de aluguel), além do pai heterocisgênero da família tradicional: “O novo sujeito hegemônico é um corpo (frequentemente codificado como masculino, branco e heterossexual) farmacopornograficamente suplementado (pelo Viagra, pela cocaína, pela pornografia)” (PRECIADO, 2018: 50-51).

Se esse corpo hegemônico pode ser servido por tantos suplementos para conduzir ao próprio prazer e satisfação, por que não poderia receber apenas mais uma suplementação em direção à equidade de gênero? Por que o corpo masculino, branco e heterossexual, só está disponível para ser servido e nunca para servir? Só a tentativa de responder a essa questão já

daria uma tese e apontaria claramente para o sexismo ainda existente, revelado pelo simples desconforto, se não recusa, em discutir tal questão. “O programa farmacopornô da segunda metade do século XX é controlar a sexualidade dos corpos codificados como mulheres e causar a ejaculação dos corpos codificados como homens” (PRECIADO, 2018: 54).

No entanto, crítica à divisão sexual do trabalho não pode se restringir a uma oposição simplista entre "exploradores" e "exploradas". Essa leitura binária ignora as camadas de poder que atravessam raça, classe e colonialidade, apagando as múltiplas formas pelas quais o cuidado é disputado, ressignificado e reinventado. Enquanto o capitalismo neoliberal tenta aprisionar o trabalho reprodutivo em estruturas individualizadas e mercantilizadas, comunidades dissidentes constroem alternativas radicais. As mulheres Mapuche, no Chile, organizam sistemas coletivos de cuidado que resistem tanto ao patriarcado quanto à lógica extrativista do Estado (SEGATO, 2016). No Brasil, mães solo das periferias tecem redes informais de sustento, e os terreiros de candomblé reelaboram noções de família e cuidado a partir da ancestralidade africana (CARNEIRO, 2005). Essas práticas não são meras respostas à exploração, mas projetos políticos em si mesmos – demonstrações concretas de que o cuidado pode ser comunitário, não hierárquico e desvinculado da lógica da dívida afetiva.

Como sugere Haraway (1985), o ciborgue não é apenas uma metáfora de hibridismo, mas uma estratégia de sobrevivência. Nesse sentido, sobreviver – e insurgir – significa forjar um cuidado que seja, simultaneamente, high-tech e ancestral; que use hormônios sem fetichizá-los, que incorpore a tecnologia sem reproduzir sua violência colonial. Afinal, a verdadeira dissidência não está na negação pura, mas na capacidade de roubar as ferramentas do opressor para construir um mundo onde cuidar não seja obrigação, mas revolução.

Corpos de ambos os sexos nascem dotados de glândulas e sistema mamário completo contendo aréola, mamilos e dutos. Desde 2018, mulheres transgênero têm amamentado bebês graças ao uso combinado de estrogênio, progesterona e domperidona - utilizados também por mães cisgênero que não produzem leite materno (biológicas ou adotivas). A combinação dos fármacos com a estimulação recorrente dos mamilos - por meio de bombas de amamentação - faz com que esses corpos sejam capazes de realizar o aleitamento infantil. O fato dessa suplementação produzir leite em mulheres transgêneras, comprova que um corpo biologicamente masculino já é capaz de amamentar graças ao desenvolvimento científico da era farmacopornográfica combinado com a própria natureza humana.

A amamentação realizada pelo homem cisgênero é um dado científico, absorvível pelos corpos dissidentes. Falta apenas uma mudança na cultura para tornar essa realidade possível. Dentro da codificação dos corpos controláveis (femininos) e dos corpos ejaculatórios (masculino), é provável que as estruturas de biopoder resistam à possibilidade de unir farmácia e propaganda ideológica na expansão de ideias antissexistas e de extinção da dominação masculina. A indústria farmacêutica criou a possibilidade da amamentação masculina cisgênera, falta agora a indústria cultural, por meio do cinema (pilar do biocapitalismo na construção das ideologias) aderir à novidade para produzir o desejo e transformar ficção em realidade. Aqui, o cinema entra como cúmplice. Enquanto Hollywood vende musculosos heróis de silicone, corpos trans lactantes são tratados como curiosidade médica. Preciado (2018) tinha razão: o biocapitalismo só celebra tecnologias que reproduzem seu script. Nossa tarefa? Escrever um novo roteiro — onde "Corpos (re)produtivos" seja o primeiro frame de um gênero cinematográfico dissidente: ficção científica decolonial.

Considerações finais

O percurso deste trabalho revelou que a divisão sexual do trabalho de cuidado não é uma fatalidade biológica, mas uma construção política sustentada por dispositivos materiais e discursivos. A instalação artística *Corpos (re)produtivos* funcionou como um experimento crítico que, ao ressignificar a imagem de Magdalena Ventura como Nossa Senhora da Amamentação, desnaturalizou as fronteiras entre gênero, tecnologia e reprodução social.

A instalação *Corpos (Re)Produtivos* materializa a dissidência ao subverter os regimes disciplinares que naturalizam a divisão sexual do trabalho. Ao ressignificar a figura histórica de Magdalena Ventura como Nossa Senhora da Amamentação, a obra desestabiliza três pilares de controle: a norma biológica (ao desvincular lactação de corpos femininos), o aparato religioso (ao parodiar os rituais sacralizados da maternidade) e o discurso científico (ao expor sua instrumentalização política). Essa intervenção artística não se limita a criticar, mas performa ativamente a sabotagem do status quo - transformando anomalias em potência, dados técnicos em armas de desobediência, e símbolos de opressão em ferramentas de libertação.

A dissidência proposta pela obra se manifesta justamente nessa capacidade de hackear as estruturas que regulam os corpos. Enquanto o sistema neoliberal disciplinar exige corpos dóceis - mulheres cuidadoras por "natureza", homens provedores por "destino" -, a instalação responde com corpos revolucionários: homens lactantes, santas barbadas, e uma reivindicação poética de que o cuidado seja desvinculado do gênero. Como demonstra a combinação entre hormônios (farmacopornografia) e arte (fabulação), a verdadeira transgressão está em ocupar o lugar do impossível para revelar que a "natureza" sempre foi um projeto político.

A análise da crise do cuidado mostrou como o neoliberalismo aprofundou contradições históricas. Como demonstrou Federici (2017), a transformação do amor em trabalho não pago foi etapa fundamental para a acumulação capitalista. No contexto brasileiro, essa dinâmica assumiu contornos raciais específicos, com o trabalho de cuidado sendo historicamente delegado a mulheres negras - das amas de leite escravizadas às atuais trabalhadoras domésticas (Gonzalez, 1988). A crítica de Nakano Glenn (2010) permanece atual: a "crise" só se tornou visível quando afetou as classes médias brancas.

A articulação entre contrassexualidade (PRECIADO, 2018) e teoria ciborgue (HARAWAY, 1985) mostrou-se potente para imaginar corpos além do determinismo biológico. A possibilidade científica da amamentação a partir de corpos biologicamente masculinos expõe o caráter político da divisão sexual do trabalho. Se a tecnologia permite que corpos lactem independentemente de seu sexo biológico, então a persistência da associação entre cuidado e feminilidade revela-se como projeto de manutenção de poder.

No entanto, a era farmacopornográfica (PRECIADO, 2018) apresenta paradoxos. Se por um lado medicaliza e controla corpos, por outro oferece ferramentas para sua reinvenção. O caso da amamentação é emblemático: depois de promover o leite em pó como solução moderna, o discurso científico passou a enfatizar o aleitamento materno justamente quando mulheres brancas ingressavam massivamente no mercado de trabalho. Essa guinada não foi acidental, mas estratégia biopolítica para manter corpos femininos vinculados à esfera reprodutiva.

Este trabalho não se encerra aqui. Como obra de ficção científica materializada, *Corpos* (re)produtivos aponta para futuros possíveis onde o cuidado seja reconhecido como trabalho e valorizado coletivamente, as tecnologias reprodutivas sirvam à libertação e não ao controle, as lições do feminismo negro brasileiro orientem a reorganização social do cuidado. A última imagem que fica é a de Ambrosina (DALTON, 2022), a ama de leite escravizada acusada de matar

o bebê branco que amamentava. Sua história nos lembra que qualquer projeto de futuro deve começar pelo reconhecimento das violências passadas e presentes. A dissidência que propomos não é utopia, mas necessidade histórica. Que nossos corpos (re)produtivos sejam, afinal, corpos em revolução.

Referências Bibliográficas

- ABDO, C.H.N; FLEURY, H.J. (2006). *Aspectos diagnósticos e terapêuticos das disfunções sexuais femininas*. *Rev. Psiq. Clín.*, vol. 33, p. 162-167.
- ÁVVIA EDUCAÇÃO. *Programa Nacional de Incentivo ao Leite Materno: mapas mentais*. Disponível em: <https://www.avvia.com.br/mapasmentais/PNIAM%20-%20Programa%20Nacional%20de%20Incentivo%20ao%20Aleitamento%20Materno.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022
- BOSI, M.; MACHADO, M. (2005). *Amamentação: um resgate histórico*. Cadernos ESP/CE, Ceará, vol. 1, n.1, jul-dez.
- CARNEIRO, Sueli. (2019). *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen Livros.
- DALTON, P. (2022). *Retratos Brasileiros*. MASP: São Paulo.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1995). *Mil Platôs*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34
- FRASER, N.; SOUSA FILHO, J. I. R. de. (2020). *Contradições entre capital e cuidado*. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), [S. l.], v. 27, n. 53, p. 261-288. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/16876>. Acesso em: 24 mar. 2025.
- FEDERICI, Silvia. (2017). *O Calibã e a Bruxa*. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante.
- FEDERICI, Silvia. (2019). *O ponto zero da revolução*. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante.
- GLENN, E. N. (2010). *Forced to Care: Coercion and Caregiving in America*. Harvard UP.
- GONZALEZ, Lélia. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, N.º. 92/93 (jan./jun.). pp. 69-82.
- GRAMSCI, A. (2001). *Cadernos do cárcere*. Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. v. 4.
- HARAWAY, D.; KUNZURU, H.; TADEU, T. (2009). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- HIRATA, H. (2021). *Travail productif, travail de care*. Tradução provisória: Maira Abreu, Lettícia Leite. Coleção Actuel Marx: Dossier Reproduction Sociale, n. 70, pp. 62-76.
- KILOMBA, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó.
- MBEMBE, A. (2018) *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução: Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições.
- PERNIOLA, M. (1993). *Do Sentir*. Lisboa: Editorial Presença.

- PRECIADO, Paul B. (2014). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições.
- PRECIADO, Paul B. (2018). *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições.
- SEGATO, Rita L. (2016). *La Guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de sueños.